

# enaig 2021

26º Encontro Anual da Indústria Química

INOVAÇÃO

ATUAÇÃO RESPONSÁVEL

TRANSVERSALIDADE

NEWSLETTER  
DEZEMBRO 2021



## ENAIQ celebra ano de recuperação e abre janela para diálogos estratégicos em 2022



Ciro Marino, presidente-executivo da Abiquim, discursando durante o 26º Encontro Anual da Indústria Química

Mais de 600 pessoas estiveram juntas para acompanhar ao vivo pelo Youtube o 26º Encontro Anual da Indústria Química – ENAIQ. O evento, realizado na primeira sexta-feira de dezembro, teve palestras, participação de representantes do governo, da indústria e da academia, e trouxe os dados do desempenho da indústria química em 2021.

O ano foi marcado pela recuperação do faturamento do setor depois da queda imposta pela pandemia em 2020: US\$ 142,8 bilhões, nível pouco abaixo de 2014. Porém, de forma preocupante, as importações cresceram ininter-

ruptamente, promovendo um déficit recorde de US\$ 45 bilhões.

“Nós estamos prontos para capturar essas vendas e aumentar nossa participação no mercado mundial”, afirmou o presidente-executivo da Abiquim, **Ciro Marino**, que destacou como mudanças de enfoque sobre tributos, matéria-prima e energia podem destruir o potencial do setor. “Temos tudo para dobrar de tamanho nas próximas décadas, e promovermos o crescimento verde de toda a indústria brasileira. Essa é a mensagem de otimismo que a gente quer levar para o governo e a sociedade. Preci-

samos urgentemente de um planejamento estratégico de Estado.”

O ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Almirante Flávio Rocha, anunciou durante o ENAIQ a

realização de encontros com a indústria química no início de 2022 para dar início ao debate sobre o planejamento estratégico.

Nas matérias a seguir, saiba como foi

cada palestra do ENAIQ, os cenários para a indústria química em 2022, os avanços em sustentabilidade e os caminhos que o Brasil precisa encontrar para crescer.

## Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República anuncia para início de 2022 simpósio em parceria com a Abiquim

*Objetivo é o desenvolvimento de uma agenda nacional de crescimento no longo prazo*

O 26º ENAIQ contou com a participação de autoridades políticas que, em comum, ressaltaram a importância estratégica da indústria química para o desenvolvimento econômico do País.

O Almirante Flávio Rocha, ministro chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) anunciou a realização de um evento em parceria com a Abiquim, no início de 2022, para suscitar reflexões, discutir desafios e oportunidades e propor ações estratégicas rumo à uma agenda nacional de longo prazo para o desenvolvimento econômico do país.

“Estamos coordenando um grupo de trabalho interministerial focado em elaborar um plano nacional de fertilizantes com vistas ao forneci-

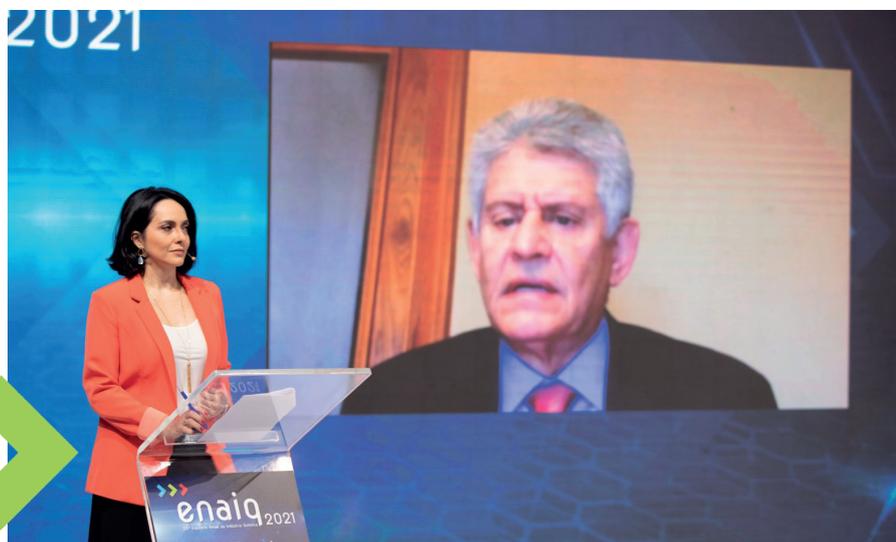
mento e incremento da competitividade da produção e da distribuição sustentável de fertilizantes no Brasil”, contou o ministro. “Durante esse trabalho, ficou evidente que um dos principais gargalos do Brasil é a dependência da importação de produtos e insumos estrangei-

ros para o uso do setor de fertilizantes. Fato que vem sendo agravado por aspectos conjunturais internacionais, como a crise energética da China e a alta dos custos dos fretes marítimos no mundo.”

O deputado federal Afonso Motta (PDT-RS), presidente da Frente Parlamentar da Química, destacou no seu discurso o trabalho da FPQ que, desde 2012 vem atuando na casa parlamentar. “Tivemos esse ano a oportunidade de construir um conteúdo de ampliação dessa representação. Procuramos ampliar o debate, compreendendo as diversas interligações que o setor tem e a importância de todos estarem convergindo para os mesmos propósitos no sentido de dar todo o suporte e subsídio à indústria química para que ela possa contar com um cenário previsível, estável e regulado”, descreveu.



Almirante Flávio Rocha, ministro chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos



Deputado Federal Afonso Motta, presidente da Frente Parlamentar da Química, em sua participação no ENAIQ 2021

## Ministro da Economia, Paulo Guedes, marca presença no 26º ENAIQ

Para o ministro da Economia, Paulo Guedes, que também participou do evento, o governo está ciente das diversas variáveis da economia brasileira e tem trabalhado para endereçá-las, sobretudo a importância de se respeitar o teto de gastos.

“Do nosso lado, existe uma agenda de controle que é nosso jogo de defesa. E no jogo de ataque está exatamente a transformação do Estado Brasileiro, essa mudança dos marcos regulatórios, pela convicção de que o crescimento econômico brasileiro do futuro tem que ser dirigido pela economia de mercado. Trata-se de uma transformação estrutural. Estamos saindo de um estado dirigista, isso não dá mais”, declarou.



Ministro da Economia, Paulo Guedes, participa do ENAIQ 2021

## ➤ ‘Futuro da indústria química pode ser brilhante’



João Parolin, presidente do Conselho Diretor da Abiquim, discursa durante a abertura do 26º Encontro Anual da Indústria Química

**Setor celebra desempenho, que deve encerrar 2021 com faturamento de US\$ 142,8 bilhões, mas segue alerta com entraves que resultaram num déficit de US\$ 45 bilhões**

Durante a abertura do 26º Encontro Anual da Indústria Química, o presidente do Conselho Diretor da Abiquim, João Parolin, ressaltou o quanto a química foi fundamental para o

combate à pandemia, seja por meio da produção de vacinas, pela fabricação de itens que ajudam na prevenção do contágio ou até mesmo durante o tratamento com a utilização do oxigênio, por exemplo.

“Se o ano de 2020 foi um ano de adaptação à uma realidade inesperada, 2021 foi um período de muita luta e muito trabalho. O resultado desse grande esforço mostra que apesar das adversidades, a indús-

tria química brasileira possui todas as condições de gerar ainda mais riqueza para o país. E acreditando num 2022 de muito trabalho e com boas perspectivas, podemos afirmar que Brasil precisa de uma indústria química forte. Desempenhamos um papel vital e único na construção do desenvolvimento econômico da nossa nação e promovemos qualidade de vida em diversas áreas importantes como saneamento, saúde, habi-

tação, transporte, alimentação, geração de energia, entre tantas outras”, destacou.

Parolin relacionou ainda as oportunidades de crescimento econômico que o Brasil tem com o potencial de desenvolvimento da indústria química. E para que isso ocorra com maior rapidez, ressaltou a importância da aprovação do projeto de lei que cria o Programa de Desenvolvimento de Fertilizantes - em tramitação no Congresso - dizendo se tratar de uma importante ferramenta não somente para debelar a iminente ameaça de desabastecimento do agronegócio brasileiro, mas também para fortalecer as políticas de incremento da competitividade, da produção e da distribuição de insumos e de tecnologias para fertilizantes no país.

Outro grande exemplo de oportunidade apontado por ele é o novo Marco do Saneamento, que demandará quilômetros de tubos de PVC, cloro e outros produtos químicos imprescindíveis para o tratamento da água. Já no setor de construção e infraestrutura, o executivo citou um quadro de déficit habitacional, gargalos logísticos e uma demanda crescente por investimentos, onde a química está diretamente presente. Parolin encerrou sua participação, lembrando os esforços históricos, bem como os investimentos da indústria química brasileira rumo a uma economia de baixo carbono, valorizando dentro desse contexto os princípios do Programa Atuação Responsável, trabalho coordenado pela Abiquim e que em 2022 completará 30 anos. Disse também que por todas as contribuições e por seu potencial de agregação de valor, a indústria química brasileira deve ser considerada, além de essencial, estratégica para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. “É muito importante observar que somos uma indústria capital intensivo e de longo ciclo de maturação. A indús-

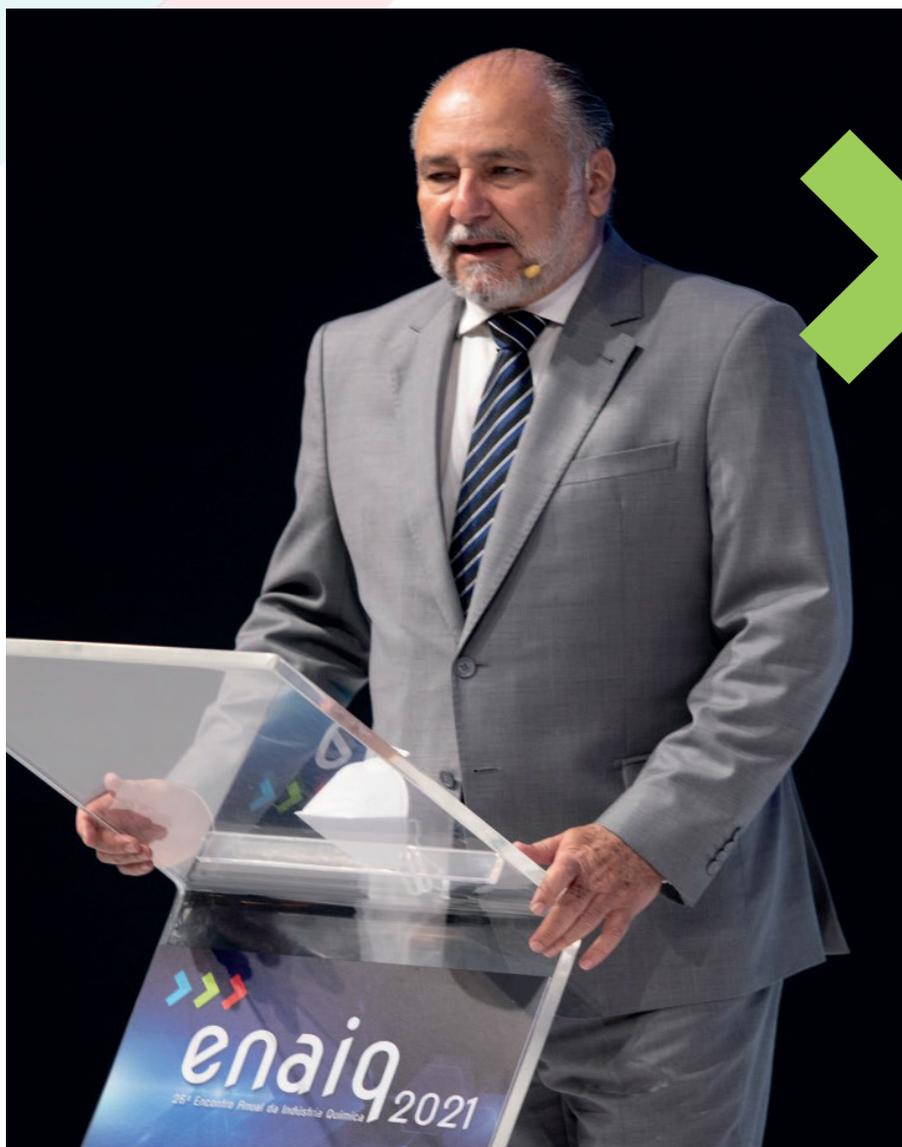
tria química, portanto, vai florescer, onde há estabilidade de regras, matéria-prima e energia competitivas, segurança jurídica e outras condições acessórias favoráveis a um investimento. Entendemos, portanto, que é fundamental para a indústria química brasileira que tenhamos uma política industrial de estado e de longo prazo para este setor e com uma visão de futuro. E esse futuro pode ser brilhante.”

Dando sequência à programação, Ciro Marino, presidente executivo da Abiquim, apresentou o desempenho do setor em 2021, sinalizando um crescimento em relação ao período anterior de 4,5% na produção de químicos de uso industrial, uma elevação de 2,7% no volume de vendas

internas e um faturamento que está chegando a R\$ 770 bilhões, o equivalente a US\$ 142,8 bilhões - um aumento de 33,1%.

Segundo Marino, ainda que esse faturamento seja bem expressivo, sobretudo com relação aos US\$ 107 bilhões do período anterior, não é possível saber ainda o quanto deste crescimento possa ser traduzido em termos de resultado, porque a indústria química é fortemente dependente de óleo e gás, além de estar sujeita à variação cambial.

“É importante celebrarmos os números relevantes, mas também lembrarmos que os custos também cresceram, além de uma grande preocupação que continua persistindo no setor – a crescente parti-



O presidente-executivo da Abiquim, Ciro Marino, em sua apresentação sobre o desempenho da indústria química brasileira em 2021

cipação da importação no portfólio de atendimento das necessidades brasileiras. Este ano, em particular, ainda que as exportações tenham crescido (27,2% em relação à 2020), as importações seguiram aumentando num ritmo exponencial (42,5% no mesmo período), ou seja, prevemos um déficit na balança comercial da indústria química de US\$ 45 bilhões para 2021”, alerta o executivo que continua. “Se imaginarmos que esse segmento de produtos importados já significa aproximadamente 50% da oferta de químicos para sustentar a demanda nacional, vamos observar que a indústria química nacional, operando ao redor de 73% da sua capacidade efetiva, não conseguirá

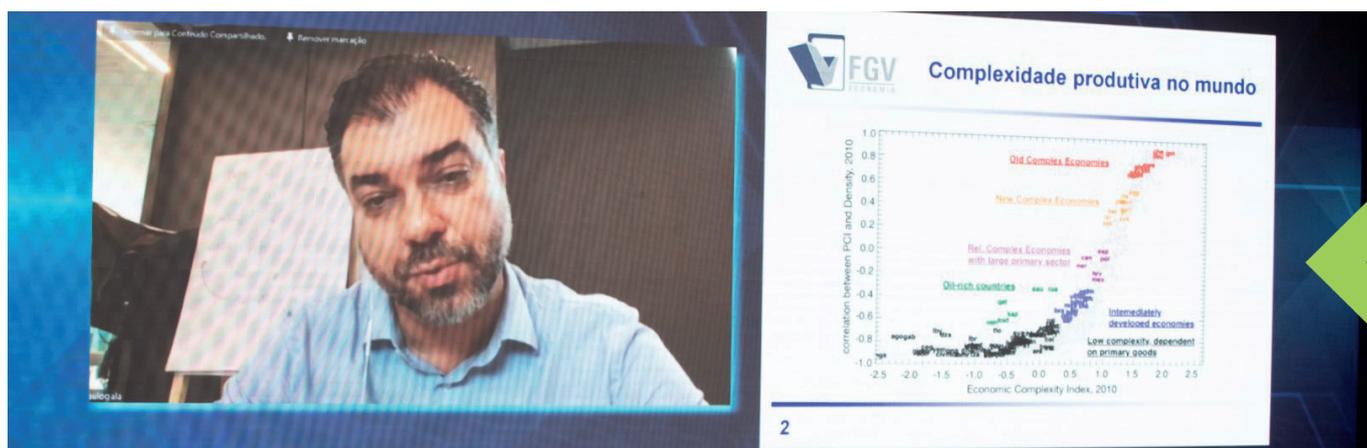
expandir ou mesmo defender sua presença em termos de share histórico. Por outro lado, se essa capacidade ociosa, ao redor de 27%, pudesse ser ocupada, conseguiríamos diluir custos fixos aumentando nossa competitividade, além de ampliar nossa margem de investimentos”, completa.

Para Marino, antes de interpretar os números de 2021 da indústria química nacional é de extrema importância analisar o setor quanto ao seu grau de relevância na economia do País. “O setor de produtos químicos é o terceiro maior componente do PIB industrial brasileiro. Na média dos países da Organização para

a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), normalmente a química é o sexto setor de impacto no PIB. Isso significa que o setor químico para o Brasil é mais relevante, mais impactante, comparado aos demais países desenvolvidos”, enfatiza o presidente executivo da Abiquim que aponta como desafio equacionar os três pilares: a questão tributária, o valor excessivo dos insumos – em geral energia e gás - e falta de estímulo, já que a indústria química brasileira compete com uma indústria mundial altamente incentivada.

Clique aqui e tenha acesso à integral do desempenho da indústria química em 2021.

## Indústria química é fator fundamental para País alcançar pleno desenvolvimento econômico



Paulo Gala, economista da FGV, em sua apresentação no ENAIQ 2021

***Economista Paulo Gala demonstra por que o Brasil precisa produzir com mais diversificação e mais valor agregado, e como a química contribui nesse crescimento***

Para mostrar como a química nacional se posiciona hoje no mundo e quais os seus desafios para competir em um mercado global, o economista da FGV-SP, Paulo Gala, usou uma perspectiva denominada complexidade econômica ou sofisticação produtiva, destacando a ideia de que o desenvolvimento econômico,

no fundo, é um processo de aprendizagem produtiva em que os países ganham capacidade e conseguem sofisticar seus processos produtivos, gerando inovação, melhores empregos e maior valor agregado.

Países só serão desenvolvidos economicamente, demonstra o economista, se tiverem uma elevada sofisticação produtiva ou alta complexidade econômica. “E é aqui que entra a indústria química, já que é um dos setores chave para que os países consigam escalar e atingir, o que os economistas clássicos cha-

nam, de platô tecnológico”, afirmou.

Dois fatores são determinantes para se medir a sofisticação produtiva ou complexidade econômica de um país: a pauta de exportações extremamente diversificada, indicando que ele é altamente capaz de produzir várias coisas, e a não ubiquidade de produtos, ou seja, uma produção com alto teor de tecnologia e inovação.

“A Holanda, por exemplo, é um país ultrassofisticado. Na verdade, um dos países mais complexos do mun-

do hoje, já que ele produz peixe, queijo, cera de sapatos, mas também faz medicamentos e aparelhos de raio X”, exemplificou Gala.

Outro setor que tem alto conteúdo tecnológico, de acordo com o economista, é o da indústria de transportes. “90% do mercado de helicópteros, aviões, espaçonaves e foguetes, por exemplo, está nas mãos da França, Alemanha e EUA, dominado pela Boeing e pela Airbus. Ou seja, países de alta complexidade tendem a formar um mercado concentrado”, destacou Gala.

O mesmo acontece com o setor químico, segundo o economista. “O que isso pode significar para o Brasil? Ainda que a indústria química brasileira tivesse uma tributação e custo de insumos no mesmo nível do mercado internacional, assim como uma estrutura de ponta, ela teria muita dificuldade para competir com esse mercado mundial concentrado, que tem poder de monopólio, marca, patente, processos, barreira de entrada, ou seja, um mercado extremamente assimétrico”, explicou Gala.

Ao final da apresentação, Gala dei-

xou uma provocação para o setor químico:

“A indústria química brasileira tem defesa da concorrência dentro dos países, mas não tem defesa da concorrência no mercado mundial – um sistema oligopolizado, em que a chance dos entrantes é pequena dado o poder dos incumbentes. Portanto, além das questões tributárias, de infraestrutura e elevados custos de insumos, é preciso reconhecer a sua real capacidade em um mercado assimétrico com incumbentes poderosos.”

## ➤ Recuperação global perderá força, mas seguirá em níveis maiores que o ‘pré-pandemia’



Andrew Walberer, da consultoria Kearney

### *Sócio da Kearney apresentou o cenário do mercado global de químicos para os próximos anos*

Andrew Walberer, sócio da consultoria Kearney e líder do time global de Química, falou sobre o mercado global para os produtos químicos no pós-pandemia. Em sua visão, a recuperação da economia global verificada em 2021 perderá força nos próximos dois anos, mas mesmo assim se manterá em níveis superiores ao pré-pandemia, com a liderança da Ásia seguida pelas Américas.

“O Brasil deve crescer menos que outros países da região, em torno de 3,2%”, afirmou Walberer. “Contudo, o

setor químico brasileiro deve colher alguma vantagem com a valorização do dólar, que está encarecendo as importações de commodities que competem com as commodities produzidas no país.” Da mesma forma, Walberer acredita que o câmbio favorecerá as exportações de produtos químicos brasileiros, que tendem a se tornar relativamente mais baratos que os de seus competidores.” A demanda global por produtos químicos gira em torno de 4,7 trilhões de dólares (números de 2020), liderada pelos segmentos de bens de consumo, construção e automotivo e seguirá crescendo nos próximos anos, depois de ser impactada pela

covid. “A covid impactou segmentos diferentes de maneiras diferentes. Os três principais segmentos demandantes caíram muito em 2020, estão crescendo em torno de 5% em 2021, e seguirão crescendo em 2022, porém em ritmos diferentes”, explicou o sócio da Kearney.

Walberer destacou quatro pontos que deverão encabeçar as preocupações do setor químico. Na questão das cadeias globais de suprimento, estamos vivendo os tempos de maiores backlogs e espera por produtos desde 1987. “Vimos o preço do petróleo subir em 97% e da logística de containers em 357%”, afirmou. Na agenda ESG, ele destacou os bons resultados nos cortes de emissões internas da indústria e as oportunidades na redução das emissões do escopo 3. Na questão da digitalização e da ‘Indústria 4.0’, Walberer destacou os avanços durante a pandemia e a urgência que as empresas estão dando para o tema. “O orçamento para digitalização deve crescer 3,6% em 2022, a maior taxa nos últimos dez anos”, declarou. E finalmente o novo modelo híbrido de trabalho, que deverá ser definitivamente incorporado pelas empresas no pós-pandemia.

## ➤ 20 anos do Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia



### *Premiação estimula e reconhece a pesquisa e a inovação na química brasileira*

Os vencedores da edição especial de 20 anos do Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia, nas categorias Start-up, Empresa e Pesquisador, foram anunciados no Encontro Anual da Indústria Química. Confira!

Na categoria empresa nascente de base tecnológica e start-up, a vencedora foi a BR Tech Soluções Tecnológicas Ltda com o projeto “Remoção de fósforo presente em efluentes de estações de tratamento de esgotos utilizando techphos”. O objetivo do projeto é avaliar a aplicação de um produto obtido a partir de bentonita modificada com ferro, como adsorvente, visando a remoção de fósforo presente em efluentes de estações de tratamento de esgotos. O lançamento de esgotos em corpos aquáticos compromete os usos múltiplos de rios, lagos e reservatórios, com consequências deletérias para a vida aquática, para a saúde humana e para a manutenção das atividades econômicas, inclusive da indústria. O projeto visa lidar com esse desafio. Flávia Camargo Alves Figueiredo foi a responsável pela pesquisa.

Na categoria empresa, o vencedor foi o Instituto de Tecnologia em Fármacos, em parceria com o SENAI CETIQT - Centro de Tecnologia da

Indústria Química e Têxtil, com o projeto “Otimização da Síntese de Isoniazida com reatores de microfluídica”. O objetivo principal deste projeto é a otimização do processo de produção de isoniazida através da aplicação de conceitos da química de fluxo. Acredita-se que a aplicação destes conceitos pode contornar os desafios associados à síntese da isoniazida que, convencionalmente, se dá em batelada. Desde 2005, a tecnologia de química de fluxo, também conhecida como microfluídica, tem sido considerada fundamental para a intensificação de processos e para maior segurança produtiva, possuindo diferentes aplicações potenciais na indústria química. O trabalho de pesquisa foi liderado por Núbia Boechat.

Por fim, na categoria pesquisador, dois trabalhos alcançaram o primeiro lugar. Um dos vencedores é Dalmo Mandelli, da Universidade Federal do ABC, com o projeto “Derivados de Produtos Naturais – Novas moléculas ativas com baixa toxicidade contra a Doença de Chagas – Uma síntese simples e ambientalmente correta”. O objetivo deste projeto é sintetizar novas moléculas que atuam contra o protozoário *trypanosoma cruzi*, dada a escassa opção terapêutica para o tratamento da doença de Chagas, por ele causada, juntamente com o crescente número de casos em regiões não endêmicas.

O outro vencedor da categoria pesquisador foi o professor Sávio Souza Venâncio Vianna, da UNICAMP, com o projeto “Desenvolvimento de um simulador computacional para combustão pré-misturada e acidental na indústria química”. Por meio do desenvolvimento de um simulador numérico de processos, o objetivo do projeto é aumentar a segurança, auxiliar na elaboração de plano de ação de emergência e de identificação de áreas vulneráveis na indústria química. A ferramenta desenvolvida representa um grande passo no cenário nacional. Além de ser o primeiro código nacional para finalidade proposta, a ferramenta é gratuita para a comunidade acadêmica, ao passo que o concorrente no mercado custa cerca de 73 mil euros, mais 18 mil euros anuais para suporte, o qual é obrigatório após a aquisição da licença.

A edição especial de 20 anos do Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia contou com a análise dos trabalhos pela comissão julgadora formada por Adelaide Maria de Souza Antunes, especialista sênior do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), Marcos Antonio De Marchi, CEO da Vicunha e Rodrigo Rocha Secioso de Sá, Superintendente de Inovação da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). A apuração de votos da comissão julgadora e os resultados foram auditados pela

PP&C, uma das principais firmas de auditoria e consultoria do país.

O nome do prêmio Kurt Politzer de Tecnologia é uma homenagem a um

importante personagem da história da química do Brasil, que também foi colaborador da Abiquim por cerca de 30 anos: o pesquisador e professor Kurt Politzer. Ao longo desses

20 anos, dezenas de empresas e de pesquisadores tiveram seus esforços em prol do desenvolvimento da química reconhecidos pela premiação.

## ➤ “O Brasil tem oportunidades fantásticas na química verde”

*James Clark, pesquisador da Universidade de York, falou sobre circularidade e o futuro promissor do Brasil com a química de renováveis*

Foi nas estradas do interior paulista que o químico inglês James Clark, diretor do Centro de Química Verde da Universidade de York, teve um insight que está ajudando a construir o futuro da química. “Resíduos de laranja são ricos em químicos valiosos para a indústria, como flavonóides, pectinas, açúcares e a limonina, um solvente fabuloso”, disse Clark, em sua palestra. “Por que não devolver essa matéria-prima à indústria?”

Foi a primeira vez que o ENAIQ trouxe um cientista estrangeiro para palestrar. A conferência, que encerrou o encontro, teve o objetivo de inspirar o público com as possibilidades que o Brasil tem na química verde. Ele falou sobre circularidade, bioprodutos o papel da química na transformação do que muitos ainda

enxergam como lixo, em riqueza. Segundo Clark, o Brasil tem uma das maiores produções globais de resíduos da cadeia alimentar, com 376,5 milhões de toneladas/ano no setor de cana, e grandes volumes em mandioca e milho, entre outras. Apenas no segmento cítrico, geramos 9,4 milhões de toneladas/ano. “O Brasil produz aproximadamente dois terços dos resíduos cítricos globais, e tem oportunidades fantásticas aí. Apenas o mercado de solventes movimenta 20 milhões de toneladas de produto todos os anos”, observou o cientista.

As biorrefinarias podem produzir, a partir de diferentes tipos de resíduos, diferentes insumos. “Além de solventes, podemos produzir plásticos – o que o Brasil já faz – agroquímicos, insumos para a indústria farmacêutica, alimentícia, têxtil e muitas outras”, demonstrou.

Ele divide em três categorias os bioprodutos. Os primeiros, já comuns em muitos lugares são os ‘drop-ins’,

produtos que tem uma parte vinda de matéria-prima renovável, por exemplo o nosso biodiesel. Um passo além estão os ‘bio-replacements’, ou seja, moléculas vindas da biomassa, que tem as mesmas propriedades das moléculas sintetizadas a partir do petróleo. “Mas a grande possibilidade da química verde é o que chamamos de ‘bio-better’, isto é, moléculas vindas da biomassa que apresentam vantagens econômicas e ambientais em relação às suas precursoras fósseis.”

Segundo ele, em 2019 o market share de produtos da química verde apresentou taxas de crescimento de 6% a 12% em países da Europa. “Temos observado a química verde crescer mais rapidamente que a química convencional, e isso reflete uma demanda da sociedade.”

A conferência de James Clark está disponível neste link: [https://youtu.be/KxqX2-\\_HavE](https://youtu.be/KxqX2-_HavE) a partir de 3h28min.

## ➤ Programa Nacional Olimpíadas de Química

### Programa Nacional Olimpíadas de Química



*O 26º Encontro Anual da Indústria Química também homenageou os estudantes vencedores*

Conceder centenas de medalhas a muitos estudantes, também abriu portas para diversas competições mundo afora. Esses jovens notáveis

permaneceram trilhando o sucesso e contribuirão, um dia, para o fortalecimento da indústria química de um modo geral. No ano de 2021,

mesmo em meio aos desafios enfrentados pelo mundo todo, esses estudantes continuaram escrevendo essa bela história.

Acompanhe quem são esses vencedores:

. Cássia Carolina Aguiar da Ponte, estudante do Colégio Master de Fortaleza, ganhou medalha de bronze na International Chemistry Olympiad, no Japão;

. Glauco Cesar Prado Soares – estudante do Colégio Militar de Brasília, no Distrito Federal, ganhou medalha de prata na Olimpíada Ibero-americana de Química, no Brasil;

. Hana Gabriela Albuquerque Souza – estudante do Colégio Master

de Fortaleza, ganhou medalha de bronze na International Chemistry Olympiad, no Japão;

. Lucas Takayazu - estudante do Colégio Etapa de São Paulo, ganhou medalha de prata na Olimpíada Ibero-americana de Química, no Brasil;

. Marina Malta Nogueira - estudante do Colégio Ari de Sá, de Fortaleza, ganhou medalha de bronze na International Chemistry Olympiad, no Japão;

. Pedro Sales Toro Alonso – estudante do Colégio Etapa de São Paulo ganhou medalha de ouro Olimpíada Ibero-americana de Química, no Brasil;

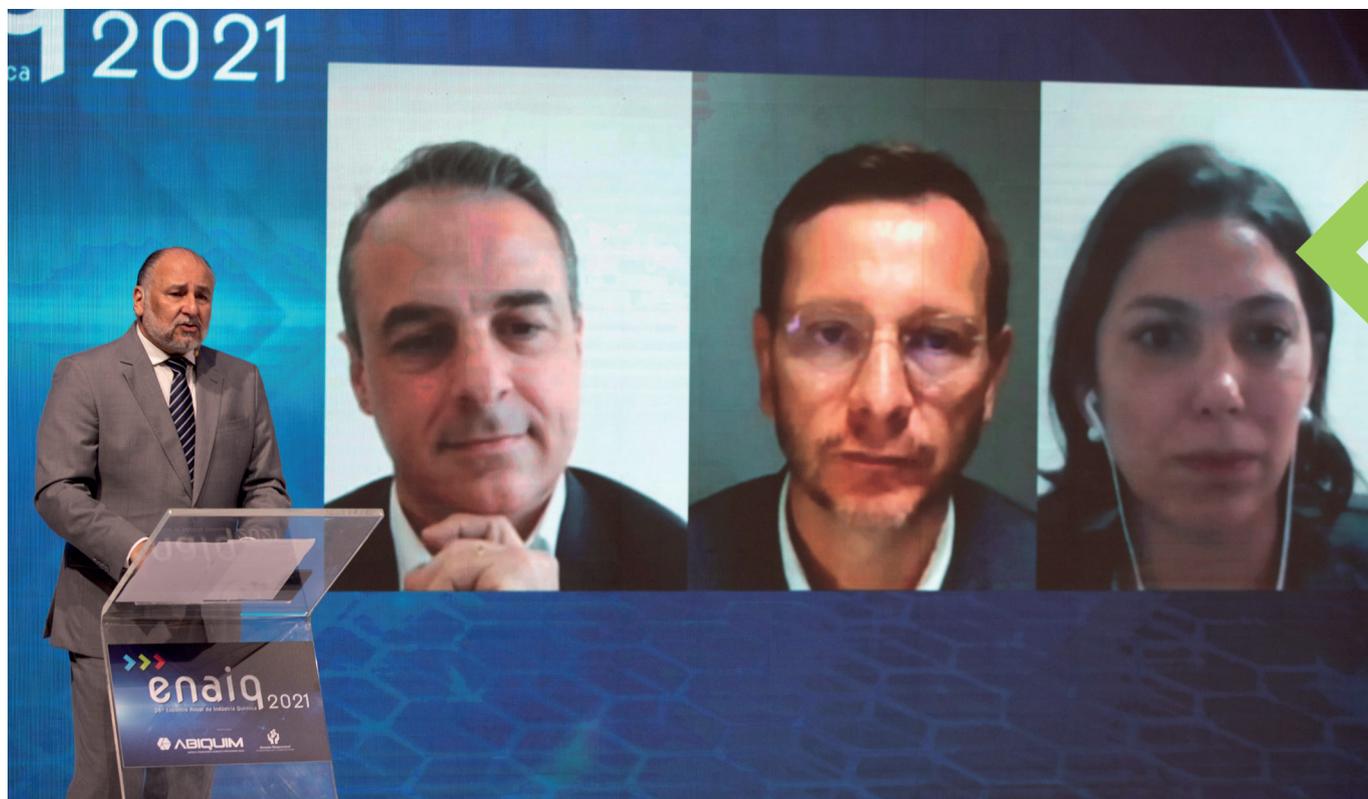
. Vinícius da Silveira Lanza Aguiar – estudante do Colégio Ari de Sá, de

Fortaleza, ganhou medalha de prata na International Chemistry Olympiad, no Japão, e medalha de ouro na Olimpíada Ibero-americana de Química, no Brasil.

O Programa Nacional Olimpíadas de Química, que coordena a Olimpíada Brasileira de Química, tem o patrocínio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq). Conta ainda com o apoio do Conselho Federal de Química (CFQ), da Associação Brasileira da Indústria de Álcalis, Cloro e Derivados (ABICLOR) e da Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUIM).

Para conhecer e participar do programa, clique aqui

## ➤ **Desenvolvimento sustentável e a química estão intimamente conectados**



Elias Lacerda, da Evonik; Rodolfo Viana, da Basf; e Mariana Maraccini, da Bayer, participam do painel “Soluções da Química para o Desenvolvimento Sustentável”

*COP26, economia circular e soluções da química para diversos setores da sociedade foram os destaques do painel sobre sustentabilidade*

Após participar de um bloco de interação com Glasgow na COP 26, como convidada da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a Abiquim continua repercutindo o papel fundamental da indústria química como provedora de soluções sustentáveis das grandes demandas da sociedade, desta vez em um dos painéis do Enaiq. A mesa redonda contou com a participação de Elias Lacerda, coordenador do Comitê para o Desenvolvimento Sustentável da Abiquim, presidente da Evonik para América do Sul e Central; Mariana Maraccini, coordenadora do Grupo Multidisciplinar de Mudanças Climáticas da Abiquim, Diretora de Estratégia e Transformação de Product Supply da Bayer para a América Latina e Rodolfo Viana, coordenador do GT Economia Circular da Abiquim, Gerente de Sustentabilidade da Basf para América do Sul.

Elias Lacerda mostrou por que a sustentabilidade é o pilar estratégico da indústria química e como ela contribui com as soluções das grandes demandas da sociedade. “A química é a indústria das indústrias. Ela está presente na cadeia produtiva de todos os setores e tem um efeito propulsor, ou seja, move a economia e tem papel relevante na vida e no desenvolvimento sustentável. E quando falamos em de-

envolvimento sustentável, estamos nos referindo à eficiência dos processos industriais e à produção de novos, inclusive”, diz o executivo. Ele relaciona ainda as soluções que ela provê que, vão desde a agricultura, com sementes mais resistentes e de alto rendimento; manutenção da saúde humana e animal com medicamentos e materiais hospitalares, construção civil com edifícios duráveis; indústria automobilística, com carros mais leves; cosméticos e tantos outros.”

Já Mariana Maraccini destacou o papel chave da química no atingimento da economia baixo carbono e na mitigação de mudanças climáticas, além de refletir sobre as novas metas estabelecidas na COP26. “A indústria química já contribuiu bastante e tem muito a contribuir nessa transição para uma economia de baixo carbono. Retomando um pouco os resultados da COP26, foram elevadas as ambições de reduções de gases de efeito estufa para evitar uma catástrofe nos próximos anos. Destravaram também alguns temas que estavam parados como alimentação ou não por fontes fósseis e a terminação progressiva do uso do gás, do carvão. O Brasil, por sua vez, confirmou e se comprometeu a reduzir emissões em quase 50% até 2030, além de assumir o compro-

misso de restaurar e reflorestar 18 milhões de hectares de florestas até 2030 e recuperar 30 milhões de pastagens degradadas, aumentar nossa matriz energética renovável, entre outros pontos”, lembrou a executiva da Bayer, coordenadora do Grupo Multidisciplinar de Mudanças Climáticas da Abiquim .

Maraccini salientou os resultados já obtidos. “Nos últimos 15 anos, o setor químico já reduziu 30% das suas emissões aqui no Brasil. Contribuiu ainda mais para a redução de emissões em cadeias de outros setores. É fato que a indústria química tem papel importante e fundamental tanto no Brasil, como no mundo, para atingir esses compromissos. Seu potencial para garantir benefícios socioambientais se estendem, sobretudo para trazer uma maior competitividade para o País”, observou.

Viana falou sobre a economia circular como uma prioridade da indústria química no Brasil e no mundo. “Quando falamos em economia circular, estamos falando, na verdade, de um modelo econômico que visa basicamente promover o uso racional de recursos. Ou seja, eliminar o centro de desperdício, de descarte de lixo e de resíduos ao final de processos”, explicou.



**Ciro Marino**  
Presidente-Executivo

#### Áreas

**André Passos Cordeiro**  
Diretor de Relações Institucionais e Governamentais

**Andrea Carla Barreto Cunha**  
Diretora de Assuntos Técnicos

**Denise Mazzaro Naranjo**  
Diretora de Assuntos de Comércio Exterior e Administrativa

**Fátima Giovanna Coviello Ferreira**  
Diretora de Economia e Estatística

**Aline Caldas Bressan**  
Gerente de Sustentabilidade, Meio Ambiente e Inovação

**Camila Hubner Barcellos Devinentis**  
Gerente de Assuntos Regulatórios e Comissões Setoriais

**Camila Matos**  
Gerente de Comunicação

**Éder da Silva**  
Gerente de Assuntos de Comércio Exterior

**Elaine Andreata Azeituno**  
Gerente de Relacionamento com Cliente e Mercado

**Luiz Shizuo Harayashiki**  
Gerente de Gestão Empresarial

**Yhebert Gouveia Afonso**  
Gerente da Área Legal, Ética e Compliance

**Verônica Baltazar Prates**  
Gerente de Relações Institucionais

Patrocínio



KEARNEY



arxada



Elekeiroz



INDORAMA  
VENTURES



CABOT

CLARIANT

CRODA



EASTMAN



UNIGEL

Media Partner

REVISTA  
**química e derivados**  
www.quimica.com.br

**PAINT &  
PINTURA**

Realização:

**ABIQUIM**  
QUÍMICA. PROMOVENDO AVANÇOS E PROTEGENDO VIDAS

